

Lógica transcendental

No decorrer no tempo, os elementos da Analítica, ou Lógica aristotélica, foram estudados, desenvolvidos e amplificados por diferentes filósofos. Na Antiguidade, por exemplo, representantes do estoicismo, como Crisipo (século III a.C.) e outros, estabeleceram novas formas de proposição, com diferentes funções e relações possíveis para seus termos. Esses novos elementos foram incorporados à Lógica e desempenham papel importante nas concepções contemporâneas sobre as proposições e os argumentos (ou raciocínios). Na Idade Média, a Lógica foi considerada a "ciência de todas as ciências", tornando-se objeto de estudo de inúmeros filósofos que se interessavam pelas relações entre a realidade (*res*) e as palavras (*vocis*).

Em todos esses contextos, o raciocínio dedutivo preponderava. No entanto, a partir do século XVI, o raciocínio indutivo ganhou força, uma vez que a Ciência moderna passou a adotar o método experimental, que permitia concluir leis gerais com base na observação de um grande número de fenômenos e objetos particulares.

A matematização do conhecimento foi outra tendência marcante do pensamento moderno que se refletiu no campo da Lógica. No século XVII, por exemplo, o filósofo alemão Gottfried Leibniz propôs uma "Álgebra do pensamento", com símbolos para substituir as palavras que designavam sujeitos, predicados e diferentes tipos de relação entre eles. No mesmo período, o filósofo inglês Thomas Hobbes afirmou que os raciocínios eram cálculos de ideias, os quais deviam imitar a precisão e a universalidade da Geometria. Porém, no século XVIII, o filósofo alemão Immanuel Kant seguiu um caminho distinto em seus estudos de Lógica. Ele produziu sua obra em forma de sistema filosófico, ou seja, envolvendo diversas áreas da Filosofia, e realizou uma investigação minuciosa sobre os limites e as possibilidades do conhecimento humano. Nesse contexto, além de abordar a Lógica aristotélica, propôs uma nova Lógica, esta voltada ao estudo das estruturas da razão e das formas de conhecimento.

Kant diferenciava a razão teórica, responsável pelo conhecimento, e a razão prática, responsável pela moralidade. Também dividia os objetos de conhecimento em *nômeno* e fenômeno.



Com base nessas distinções, o filósofo empreendeu uma investigação **transcendental**. Em outras palavras, ele investigou os modos humanos de conhecer e as estruturas cognitivas universais, anteriores à experiência, as quais denominou formas puras, ou *a priori*.

Segundo Kant, as formas puras da sensibilidade eram o espaço e o tempo e as formas puras do entendimento (ou intelecto) formavam 12 categorias, divididas em quatro grupos:

Kant denominava **sujeito transcendental** a estrutura universal da capacidade humana de conhecer, constituída pelas formas puras da sensibilidade e do entendimento.

| Grupos | Categorias do entendimento |
|------------|---|
| Quantidade | Unidade, pluralidade, totalidade |
| Qualidade | Essência, negação, limitação |
| Relação | Substância, ação recíproca, causalidade |
| Modalidade | Possibilidade, existência, necessidade |

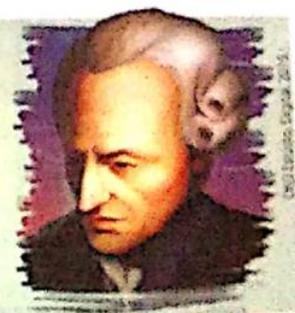
Com base em sua investigação transcendental, Kant concluiu que o conhecimento era composto de intuições, ligadas à sensibilidade, e de conceitos, ligados ao entendimento. Ambos, por sua vez, seriam empíricos (*a posteriori*), ou seja, dependentes da experiência, quando tratassem de fenômenos. E seriam puros (*a priori*) quando se referissem às estruturas cognitivas humanas. Portanto, esse filósofo descrevia os seguintes tipos de intuições e conceitos:

- **intuição empírica** – conhecimento sensível de objetos empíricos, por meio de sensações organizadas pelas formas puras da sensibilidade;
- **intuição pura** – conhecimento das próprias formas puras da sensibilidade;
- **conceito empírico** – conhecimento intelectual de objetos empíricos, organizado racionalmente pelas categorias do entendimento;
- **conceito puro** – conhecimento das próprias categorias do entendimento.

Kant considerava as regras da Lógica, de origem aristotélica, adequadas para orientar a forma geral dos pensamentos e o estudo dos juízos. Estes, por sua vez, foram divididos em analíticos ou sintéticos, *a priori* ou *a posteriori*. Porém, a fim de estudar as intuições e os conceitos puros, Kant criou a Estética transcendental, que tratava das formas puras da sensibilidade, e a Lógica transcendental, que tratava das categorias do entendimento e de alguns erros da razão. Observe, a seguir, como ele caracterizava a Lógica transcendental.

[...] Na lógica não perguntarei: Que é que o entendimento conhece, quanto pode ele conhecer, ou até onde chega o seu conhecimento? Pois isso [...] inscreve-se, [...] na metafísica. Na lógica existe somente a questão: Como é que o entendimento se conhecerá a si mesmo?

[...] Visto que se não ocupa do uso comum e, enquanto tal, meramente empírico do entendimento e da razão, mas apenas das leis universais e necessárias do pensar em geral, assenta ela em princípios *a priori*, dos quais se podem deduzir e comprovar todas as suas regras como aquelas a que se ajustará todo o conhecimento da razão. [...]



KANT, Immanuel. *Lógica* [Excertos da]. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia, 2009. p. 7 (Introdução).

A Lógica transcendental kantiana, criada para tratar dos modos de conhecer, subdividia-se em Analítica transcendental e Dialética transcendental. A Analítica transcendental era o estudo das categorias do entendimento, as quais, por sua vez, derivavam da classificação aristotélica das proposições lógicas. Já a Dialética transcendental era o estudo dos erros da razão ao tentar ultrapassar seus limites, buscando conhecer o *nômeno*. **9** Fundamentação teórica

No campo da Dialética transcendental, Kant mencionou algumas ideias concebidas como *nômenos*, as quais denominou "ideias cosmológicas" ou "ideais da razão". São elas: mundo (como totalidade), alma, liberdade e Deus. Segundo o filósofo, apesar de serem naturalmente concebidos pela razão e de terem sua importância no âmbito da moralidade, esses ideais não poderiam ser conhecidos em si mesmos, como propunham a dialética platônica e a Metafísica aristotélica. Portanto, a seu respeito, seria possível fazer afirmações contrárias (teses e antíteses) e sustentá-las por meio de uma argumentação racional. Essas afirmações foram denominadas **antinomias da razão**.

antinomia: aporia, paradoxo, oposição recíproca.

ANTINOMIAS DA RAZÃO

| Ideal | Tese | Antítese |
|-----------|---|--|
| Mundo | O mundo tem início no tempo e limites no espaço. | O mundo é infinito no tempo e no espaço. |
| Alma | As substâncias do mundo são compostas de elementos simples que não se corrompem; a alma é um deles. | Não há no mundo elementos simples e incorruptíveis; tudo se reduz à matéria. |
| Liberdade | Os fenômenos do mundo se explicam pelas leis da natureza e pela liberdade. | Não há liberdade; tudo no mundo é determinado pelas leis da natureza. |
| Deus | Há um ser absolutamente necessário, que é causa do mundo. | Não há um ser absolutamente necessário que seja causa do mundo. |

Ao apresentar essas antinomias, Kant esclareceu que as teses sobre os ideais da razão poderiam favorecer a razão prática na busca dos fundamentos da moralidade, objeto digno de uma reflexão metafísica, em virtude de seu caráter universal. As antíteses, por outro lado, poderiam contribuir para que a razão teórica agisse com humildade na busca pelo conhecimento, reconhecendo a impossibilidade de alcançar o *nômeno*.



Para ler e refletir

Quanto às antinomias da razão, Kant chamou a aceitação das teses de posição dogmática, por implicar a afirmação da existência dos ideais da razão para além do âmbito da própria razão. Por sua vez, a aceitação das antíteses ele chamou de posição empirista ou cética, uma vez que implicavam a negação dessa existência. Observe, no texto a seguir, algumas afirmações do filósofo sobre essas posições.

[...] Observa-se nas afirmações da antítese [...] um princípio de empirismo puro [...]. Em contrapartida, as afirmações da tese, além da explicação empírica empregada no curso da série dos fenômenos, põem ainda como fundamento outros princípios intelectuais [...]. Atendendo à sua característica essencial, dar-lhe-ei o nome de dogmatismo da razão pura.

Assim, do lado do dogmatismo na determinação das ideias cosmológicas da razão, ou do lado da tese, revela-se o seguinte:

Em primeiro lugar, um certo interesse prático a que adere de todo o coração todo o homem sensato, que compreenda onde está o seu verdadeiro interesse. Que o mundo tenha um começo; que o meu eu pensante seja de natureza simples e portanto incorruptível; que nas suas ações voluntárias seja simultaneamente livre e superior à compulsão da natureza; que, por fim, a ordem das coisas que constituem o mundo derive de um ser originário, donde tudo recebe a unidade e encadeamento em vista de fins, tudo isto são pedras angulares da moral e da religião. A antítese rouba-nos todos estes apoios ou pelo menos parece roubá-los.

[...]

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. A466-A468.

1. Debata sobre as relações entre a moralidade e os ideais da razão tal como foram estabelecidas no pensamento kantiano ao abordar a posição dogmática. Utilize exemplos históricos para fundamentar suas opiniões.



2. O que levou Kant a realizar estudos transcendentais?

[10] Encaminhamento metodológico e sugestões de respostas.



3. Kant deu novos sentidos para termos como Conceitos, Categorias, Analítica e Dialética. Por que isso foi necessário?



4. Explique o sentido kantiano dos termos Conceitos, Categorias, Analítica e Dialética.